O QUE É SER MANEZINHO?

WHAT IS IT TO BE A MANEZINHO?

Lucas Lacerda

Mestre em linguística pela UFSC

lucasantoniolacerda@gmail.com

Dorival Gonçalves Santos Filho

Mestre em Linguística pela UFSC

dorivalunesp@bol.com.br

RESUMO: O conceito de identidade em comunidades de fala de Florianópolis é algo bastante discutido nos últimos anos. Aprofundando essa discussão, buscamos algumas características do florianopolitano que remetem ao famoso termo “Manezinho da Ilha”. Com base em *corpora* orais gravados em Florianópolis, no ano 2012 (amostra Floripa – banco VARSUL), são levantados alguns trechos opinativos/informativos dos informantes de estudos qualitativos para a discussão do atual estágio da questão central deste estudo – O que é ser Manezinho? Nosso estudo partirá, primeiramente, do ponto de vista dos florianopolitanos em relação a esse controverso termo (Manezinho), uma vez que é sabido que o seu uso comumente tem servido para qualificar os nativos da cidade de Florianópolis. Mas, ao longo de muitos anos teve uso específico na designação pejorativa dos um segmento dos moradores do interior da ilha: os de baixa escolaridade, os pescadores, os artesãos etc.. Propomos, também, averiguar como diferentes comunidades de fala de Florianópolis de áreas centrais e interioranas se posicionam em relação ao tema central deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Identidade. Manezinho.

ABSTRACT: *The concept of identity in speech communities of Florianópolis is widely discussed in recent years. Entering this discussion, we search for some characteristics of florianopolitano adjective that refers to the famous “Manezinho da Ilha”. Based on corpora oral recorded in Florianópolis in 2012 (sample Floripa - database VARSUL, opinative/informative excerpts are collected of the informants of qualitative research for a discussion of the current stage of the central question of this study – What is being Manezinho? Our study will start, firstly, from the point of view of florianopolitanos regarding to this controversial term (Manezinho), since it is known that it has been commonly used to describe the natives of the city of Florianópolis. Although, throughout the years, the term has been used pejoratively to classify the residents of the interior of the island: the ones with limited education, fishermen, craftsmen etc.. We also propose the investigation of how different speech communities of Florianópolis central and interior areas express their opinions in relation to the central theme of this study.*

KEYWORDS: Sociolinguistics. Identity. Manezinho.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordaremos a Identidade do nativo da Ilha de Santa Catarina, conhecido como Manezinho. Mas o faremos sob uma abordagem que foge dos estudos mais tradicionais da sociolinguística, pois adotaremos como interface a ACD – Análise Crítica do Discurso. Pretendemos analisar a “voz” das comunidades, sob o viés social e cultural, principalmente

linguístico, através do discurso de identidade que individualmente o falante constrói. “Os Manezinhos” é como são conhecidos os nativos da cidade de Florianópolis – Ilha e Continente. Dito isso, é preciso lembrar que o dialeto tido como “manezês” é facilmente encontrado em diversos pontos geográficos da cidade, não ficando restrito somente à ilha. Desse modo, investigaremos o discurso de identidade do Mané na ótica do próprio nativo. Inicialmente, selecionamos para este estudo sete entrevistas de duas comunidades florianopolitanas. Trata-se das comunidades de Santo Antônio de Lisboa (doravante SAL, composta pelos bairros: Cacupé, Sambaqui e Barra do Sambaqui)¹, conhecidas por serem redutos dos nativos de Florianópolis e do continente (bairros: Coqueiros e Abraão)² lugar em que há mais miscigenação entre moradores nativos e imigrantes. Na comunidade de SAL foram selecionadas 3 (três) entrevistas com moradores do bairro Cacupé e, no continente, 4 (quatro) entrevistas, com diversas características sociais como: idade, sexo e escolaridade.

A sociolinguística é a área da linguística que concentra os seus estudos nas relações entre a língua e a sociedade, com ênfase, particularmente, nas investigações sobre as variabilidades da língua motivadas socialmente. Nessa perspectiva, surgem na década de 1960 os estudos variacionistas e, mais especificamente, como trataremos neste trabalho, a Teoria da Variação e Mudança, com

Willian Labov (1963), que publica seu estudo realizado na Ilha de Martha’s Vineyard. No referido estudo, Labov atesta a motivação social da centralização da vogal nos ditongos /aw/ e /ay/ como marca da identidade dos nativos da Ilha de Martha’s Vineyard. Desse modo, o autor percebe que o uso (ou não) da centralização da vogal nos ditongos /aw/ e /ay/ tem a ver diretamente com a *avaliação* subjetiva que o falante faz. Ou seja, se ele avalia positivamente significa que, ao centralizar, demonstra um sentimento de pertencimento ao local, como assevera o autor – “Concluiu-se que um valor social tinha sido associado, mais ou menos arbitrariamente, à centralização de (ay) e (aw): quanto mais um indivíduo se sentisse capaz de reivindicar e manter *status* como um vineyardense nativo, mais ele adotaria a centralização de (ay) e (aw).” (LABOV, 2008 [1972]).

Assim como no estudo de Labov, citado acima, nosso trabalho adentra a questão identitária. Para tanto, nos pautaremos na Teoria da Variação e Mudança, e faremos uma investigação qualitativa, na qual observaremos os dados de forma isolada, os quais, posteriormente, serão comparados entre si. Nessa comparação, buscamos encontrar suas congruências e suas divergências. Os dados analisados provêm de entrevistas do Projeto Varsul, mais especificamente de parte da nova amostra Floripa 2012, onde os informantes são questionados sobre “o que é ser Manezinho?”, juntamente com entrevistas feitas com os agraciados com o “Troféu Manezinho da Ilha” contidas no livro SOMOS TODOS MANEZINHOS, onde a mesma pergunta é feita.

A partir do discurso dos informantes, buscamos mostrar a identidade Mané na perspectiva dos próprios nativos. Lembramos que algo semelhante foi feito por Amante (1998; 2007) nos livros SOMOS TODOS MANEZINHOS I e II, que são compostos, basicamente, de entrevistas feitas com os ganhadores do “Troféu Manezinho da Ilha”, troféu esse criado em 1987 pelo sambista, compositor e considerado, por muitos, como o “Mané-Maior” Aldirio Simões. Escritos por Francisco Hegídio Amante, os livros nos trazem diversos relatos, onde os agraciados com o “título” de “Manezinho da Ilha” explicitam o que, para eles, é ser o autêntico “Manezinho”. Segundo Severo:

A questão que surge é: de que maneira a identidade “mané” continua o seu processo de constituição, levando em consideração os diferentes grupos que ultimamente começam a fazer parte do cenário florianopolitano, com suas peculiaridades econômicas, políticas, sociais e linguísticas? (SEVERO, 2004,

¹ Comunidade localizada no noroeste da ilha.

² A parte continental de Florianópolis é composta por diversos bairros, mas as entrevistas foram feitas nos dois bairros elencados acima, por serem considerados redutos de moradores nativos.

p.843).

Na sociolinguística qualitativa, cujo enfoque não é necessariamente a língua como sistema e sim a relação dos sujeitos com a linguagem, encontramos a construção social da prática discursiva que nos revela, de maneira mais objetiva, a representação de uma identidade. Podemos observar que o falante, inserido em sua comunidade de fala, tem o seu próprio discurso de identidade, no qual se faz representado, e reconhece o outro como pertencente ou não à sua comunidade linguística, ou seja, ele constrói sua identidade por meio de sua fala que está diretamente ligada ao meio social.

Quando qualquer indivíduo interage, ele fará uso, inegavelmente, de uma determinada perspectiva sobre o que pretende comunicar ou expressar. Ao assumir tal perspectiva, sua ideia de mundo e, conseqüentemente, suas ideologias serão inegavelmente expressas. Isso ocorre porque nós, como seres sociais que somos, ao nos comunicarmos, fazemos usos de determinadas variáveis sociolinguísticas, e com isso, deixamos transparecer nossas identidades. Sendo assim, ao interagimos, indubitavelmente, demonstramos e reproduzimos a estrutura social à qual pertencemos. “O ato de usar a língua envolve escolhas do que se falar (e até do que não se falar) e estas escolhas nunca são neutras, já que estão relacionadas às nossas identidades sociais” (SCLIAR-CABRAL; CALDAS-COULTHARD, 2008, p. 31).

2 O DISCURSO DE IDENTIDADE SEGUNDO A TEORIA DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Ao tratar de temas sociais ligados à linguagem, poder e identidade, é necessário que se tenha em vista uma teoria que busque analisar fenômenos sociais e discursivos. E, juntamente a isso, é preciso apontar como se dá a identificação consciente do falante através do seu meio, dentro dos processos, práticas sociais e de identidade do indivíduo construídos sócio-historicamente. A identidade é expressa a partir de um discurso. Sendo assim, as formas linguísticas empregadas, juntamente com os significados que o falante seleciona, o faz produtor do seu texto e construtor de uma identidade. Em relação ao sujeito, produtor de uma identidade, lembramos que, para Fairclough (2001), os sujeitos não são, como considera a Análise do Discurso (AD), ‘assujeitados’; são agentes sociais e construtores de suas práticas discursivas. E são capazes de remodelar e reestruturar essas práticas.

A análise crítica do discurso traz um novo elemento aos estudos da linguagem ligados à tradicional Análise do discurso: o *social* – além de outros campos de abordagem –, e propicia o avanço desse elemento nos estudos que tratam do discurso de identidade.

Norman Fairclough (op.cit.), um dos pesquisadores mais recorrentes dessa perspectiva, buscou aliar as teorias sociais e da linguagem, com um foco multidisciplinar. Assim, o autor propõe uma análise do discurso, sob o ponto de vista crítico, combinando o texto, a prática discursiva e a prática social.

Por análise “crítica” do discurso quero dizer análise do discurso que visa a explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e a explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35).

Fazendo uso do referido arcabouço teórico, ou seja, (i) da sociolinguística, através de análises qualitativas, e (ii) da análise crítica do discurso, aliada ao que consideraremos como “atos de identidade” – adentraremos a essa questão mais adiante –, buscaremos compreender de que maneira os instrumentos linguísticos, utilizados pelos falantes nos discursos em análise, reproduzem a realidade e produzem uma identidade social, os quais estão inegavelmente ligados a relações de

grupos sociais e ideologias de poder.

No sentido dessa nossa abordagem, o sujeito do discurso, no processo de significação, ocupa uma posição distinta, razão pela qual é o elemento essencial no processo de significação do discurso. Portanto, não existe aqui um “sujeito assujeitado” que faz uso de ‘discursos’ preexistentes, e sim algo que é construído individualmente por ele. Nessa perspectiva, a constituição do sujeito no discurso frente às suas práticas discursivas se dá por meio do seu próprio discurso, a sua identidade discursiva objetiva. Ele próprio constrói o seu discurso de identidade linguístico-social, e o faz de maneira consciente elegendo elementos linguísticos específicos e ideológicos discursivos.

A identidade do indivíduo falante ocupa assim uma posição central na construção da teoria linguística. O próprio conceito de indivíduo é fiel à sua etimologia. Um indivíduo é invariavelmente concebido como um eu indivíduo e indivisível (ele é ou categoricamente não é falante nativo de uma língua – não havendo provisão para graus de natividade). (RAJAGOPALAN, 2006 p. 29).

Para aprofundar essa discussão, faz-se necessário abordar, também, o conceito de “atos de identidade” formulado por Le Page e Keller (1980).

3 ATOS DE IDENTIDADE

Segundo Chambers (1995), quando falamos, revelamos não só nossas qualidades, mas diversas características que são compartilhadas entre as pessoas ligadas socialmente a nós, como, por exemplo, a posição social. Dessa maneira, fica claro que a linguagem é um dos meios mais evidentes de revelarmos nossa identidade. Sendo assim, discutiremos os pressupostos de Atos de identidade.

Le Page e Keller (op. cit.) fizeram seus estudos com foco no crioulo em comunidades caribenhas e lançaram mão de vários conceitos que nos ajudam a compreender como se dá o fenômeno de atos de identidade. Os atos de identificação, segundo os autores, envolvem mais de um sentido: como o comportamento idiossincrático individual reflete atitudes em relação a grupos, causas, tradições, e como a identificação de um grupo se elicia a partir das projeções que indivíduos fazem desse mesmo grupo e dos conceitos que cada um alimenta em relação a ele. Portanto, para os autores, a palavra identidade tem dois significados, como se observa no segmento a seguir:

The word identity has at least two meanings. The first is ‘to pick out us a particular person, category or example’. In this sense a person can identify a child as his/her own child in a crowd of children, by some idiosyncratic feature. The second is ‘to recognize some entity as a part of some larger entity’; in this sense, we can identify ourselves with a group or a cause or a tradition. (LE PAGE E KELLER, 1985, p. 2).³

O pertencimento, segundo os autores, decorre da preocupação com o modo como as pessoas percebem os grupos, no que diz respeito às implicações linguísticas, o que remete a questões de etnicidade ou, para esse estudo, redes de pertencimentos. Nessa perspectiva, podemos compreender esses agrupamentos humanos como o conjunto de indivíduos que se percebem a si mesmos como parte de um mesmo agrupamento, o que pode ter dimensões institucionalizadas ou não.

Esses dois importantes conceitos usados pelos autores em seus estudos de cunho sociolinguístico revelam como o conceito de identidade serve para “se identificar com ou se distinguir de” um

³ A palavra identidade tem pelo menos dois sentidos. O primeiro é "para escolher uma pessoa em particular, categoria ou exemplo". Neste sentido, uma pessoa pode identificar uma criança como sua/seu próprio filho em uma multidão de crianças, por alguma característica peculiar. O segundo é "reconhecer alguma entidade como uma parte de alguma entidade maior", neste sentido, podemos identificar-nos com um grupo ou uma causa ou uma tradição. (Tradução nossa)

determinado grupo. Conforme já mencionamos neste estudo, a linguagem é que indica a identidade do falante, já que os usos da língua estão associados às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis assumidos pelo sujeito na comunidade da qual faz parte.

Os autores ainda alertam para a dificuldade em se fazer trabalhos sociolinguísticos quando se trata de grupos sociais em relação aos quais somos *outsiders*, o que ocorre sempre que evitamos fazer suposições prévias sobre a organização desses grupos. No trecho a seguir, os autores mostram essa preocupação:

[...] our convictions remains that it is extremely hard to carry out sociolinguistic work in a rigorously hypothesis-testing manner when one comes to a society as an outsiders and tries, as we tried, to make no prior assumptions about the social divisions within that society. (LE PAGE E KELLER, 1985, p. 4).⁴

Nesse sentido, a Análise Crítica do Discurso nos fornece subsídios, uma vez que o discurso de identidade levado a efeito de investigação partirá dos próprios informantes. Nesse sentido os sujeitos revelam tanto suas identidades pessoais, como sua busca por papéis sociais. Em sua fala, o usuário da língua revela sua identidade, convidando, de certa maneira, as outras pessoas a partilharem de sua visão de mundo.

4 ANÁLISE

Algumas das questões das entrevistas foram elaboradas com o intuito de os informantes revelarem o que pensam sobre o que é para eles ser “Manezinho”. Para isso, termos-chave como, por exemplo, os nomes dos personagens Maneca e Dona Bilica foram introduzidos nas perguntas para os informantes expressarem o que pensam sobre a representação do “Manezinho”. Os informantes também foram questionados sobre o que eles acham de imigrantes vir morar em Florianópolis. A seguir temos algumas considerações dessas entrevistas.

Nas entrevistas da comunidade de SAL, o termo “Manezinho” é tratado pelos informantes com orgulho e, de certa maneira, é possível identificar na fala de alguns deles uma forma de protesto.

Na comunidade em pauta fica evidente a questão do pertencimento a um determinado grupo. Alguns informantes de SAL evidenciam o fato de que as pessoas não pertencentes a sua comunidade devem se adaptar ao seu modo de viver, fato expressado na fala desses informantes, em que é possível verificar até um tom de reprovação em relação às pessoas não nativas. Numa primeira abordagem, evidenciamos como se dá esse fenômeno observado nos dados de uma informante. Ao ser questionada sobre o que ela achava das pessoas que imigram para SAL e da maneira como essas pessoas veem o “Manezinho”, ela se manifesta da seguinte maneira:

Eles têm um jeito diferente... lá eles andam como quer... Eles vêm para cá e faz a mesma coisa que tem lá... Tem que cuidar do meio ambiente, tentar se adaptar com o jeito daqui. Ou se adapta aqui ou não vem morar aqui. (Trecho de entrevista da amostra Floripa. Informante - escolaridade, - idade, feminino, SAL).

Para essa informante, os turistas vêm morar em sua comunidade e não respeitam esse local. Para ela, eles devem se adaptar ao jeito de morar no local e não tentar impor outro modo de viver. Fica claro, também, que mesmo as pessoas florianopolitanas, sendo moradoras do centro, não são os Manezinhos legítimos, pois, segundo a informante, só os moradores daquela comunidade ou de outras como Ribeirão da Ilha são os verdadeiros “Manezinhos”, porque há pescadores, praia etc. Ao ser questionada a respeito de ser chamada de Manezinha, deixou clara sua posição, como mostra

⁴ [...] nossas convicções é que é extremamente difícil de realizar trabalhos sociolinguísticos rigorosamente em forma de hipóteses-testes, quando se trata de uma sociedade à qual não pertencemos, como nós tentamos, para não fazer suposições prévias sobre as divisões sociais dentro dessa sociedade. (Tradução nossa)

sua resposta no segmento abaixo:

É legal porque é um termo daqui, pessoal daqui, que foi nascida aqui... as pessoas daqui são boas... só daqui, só se a pessoa daqui for morar pra lá (centro) se não, não. Porque aqui o manezinho pesca, lá não tem praia. (Idem).

No decorrer das entrevistas, os informantes foram questionados a respeito dos personagens (Maneca e Dona Bilica) que representam o “Manezinho”. Para a informante em questão, só no jeito de se vestir, na maneira de falar nem tanto, porque, segundo ela, o sotaque é diferente. Nota-se, então, que o sotaque que faz parte da linguagem revela, para essa informante, quem são os verdadeiros Manezinhos, ou seja, retomando o conceito da ACD, as formas linguísticas empregadas juntamente com os significados selecionados pelo falante o fazem construtor de uma identidade. O significado do termo Mané para essa informante marca o seu ponto de vista em relação às pessoas que fazem parte desse grupo.

Outra informante da mesma comunidade, com mais escolaridade e mais idade, pensa um pouco diferente a respeito dos turistas que vêm morar em SAL. Para ela, há dois lados: por um lado é bom porque alguns vêm somar, pois melhora a renda; por outro lado, alguns não respeitam, principalmente, o meio ambiente. Ao ser indagada sobre o assunto “Manezinho”, a informante foi taxativa:

Nasceu, cresceu e vive aqui [...] fala rápido, engole alguma letra da palavra, uma outra forma de falar, é involuntário, a gente sabe o correto... (Trecho da entrevista da amostra Floripa. Informante + escolaridade, + idade, feminino, SAL).

Para essa informante, “Manezinho” são as pessoas que nasceram no local, com as características de falar rápido, falar cantado etc. Além de esse trecho tornar explícito o fato de os Manés pertencerem a uma comunidade, as características linguísticas como o falar rápido, supressão de letras, etc. os tornam, segundo a ACD, produtor de seu texto e construtor de uma identidade. Outro ponto da entrevista que marca o “pertencimento à comunidade”, evidenciando os pressupostos dos autores na questão dos atos de identidade, reside no fato de que os entrevistados dessa comunidade falam a respeito do orgulho de ser Manezinho. A informante em questão deu a seguinte resposta ao ser questionada se sentia (ou não) orgulho de ser Manezinha: “Cada pessoa tem a sua identidade né? E eu não quero perder a minha identidade.”

A informante também declara seu ponto de vista a respeito dos personagens que interpretam o “Manezinho” (Maneca e Dona Bilica). Para ela são artistas da ilha que tentam fazer o resgate dessa identidade, apesar de ser, segundo o seu ponto de vista, um pouco exagerado.

O último informante dessa comunidade tem menos escolaridade e mais idade, porém, as questões de pertencimento à comunidade se evidenciam em seu discurso em vários momentos. Em um desses momentos, ao ser questionado se há diferença no tratamento entre a comunidade central e a de SAL, ele deixa claro que existiu. Segundo o informante, os moradores do centro os consideravam Manezinhos, pois os moradores da região central eram “entendidos” e eles os “Manezinhos burros”, evidenciando o uso pejorativo do termo. Mas, de acordo com ele, hoje isso não existe mais.

Para esse informante, os personagens Maneca e Dona Bilica representam bem os Manezinhos, já os outros exageram e só querem vender livros. Portanto, os conceitos dos autores que asseveram que os atos de linguagem servem para evidenciar a identidade se confirmam, já que os informantes insistem na crença de que, se o modo de viver e de falar não são iguais aos seus, esses falantes não são ou não representam o verdadeiro “Manezinho”.

Para analisar como a questão de ser “Manezinho” se dá nas diferentes esferas, convém contrapor as opiniões apresentadas com as outras comunidades de fala. Nesse trabalho, o contraponto será com uma comunidade mais urbana. Assim, elegemos um ponto da cidade que se situa no continente.

Essa comunidade abarca os bairros de Coqueiros e Abraão. Os informantes são constituídos por pessoas que nasceram nesses locais, ou seja, são moradores de fora da Ilha de Santa Catarina. Esse

contraponto é importante, pois vimos que os informantes de SAL consideram que os verdadeiros “Manezinhos” são os que nasceram e vivem na ilha; portanto, é interessante verificar o que os nascidos fora da ilha pensam a respeito de ser “Manezinho” e como encaram o fato de que, hoje em dia, o termo “Manezinho” é generalizado para todo florianopolitano.

Uma informante do bairro de Coqueiros, com mais idade e ensino superior, considera que ser “Manezinho” é uma identificação adequada só para os moradores nascidos na ilha e que vivem da pesca e do artesanato. Ao ser questionada sobre o fato de que é ser “Manezinho”, ela deu a seguinte resposta:

Ser Mané é aquele morador autêntico, né? É aquele que mora mesmo na ilha, que ainda fica aqui, trabalha como pescador, nos artesanatos que eles sabem, permanecem aqui no chão, né? Manezinho da ilha gosta daqui, tem o peixe, tem a farofa, tem a pescaria. Tem gente que fica ali e só faz isso, estudou pouco e ficou lá, né? (Trecho de entrevista da amostra Floripa. Informante + idade, + escolaridade, feminino, Coqueiros).

Percebemos no discurso dessa informante que “manezinho” é um termo designado às pessoas que nasceram na ilha. O conceito de Mané, então, é o mesmo que o dos informantes de SAL: moradores da ilha que vivem da pesca e com o jeito peculiar de falar e viver. Nota-se que os atos de identidades conceituados por Le Page e Keller (op.cit.), em que o pertencimento decorre de como as pessoas percebem grupos, são expostos no discurso dessa informante, ou seja, a informante percebe que o grupo dos Manezinhos são as pessoas nascidas na ilha e que falam e vivem de determinada maneira. A informante ressalta que, a seu modo de ver, “Manezinhos” são somente as pessoas nascidas na ilha. Segundo a informante, o termo “Manezinho” marca a tradição, a raiz e o rótulo de pessoas nascidas nas comunidades no interior da ilha.

O informante com mais idade e menos escolaridade, morador do bairro Abraão, afirma que o termo Mané se deve ao linguajar usado por determinadas pessoas florianopolitanas. Segundo ele, é um termo bom, embora ele se considere “mais ou menos Mané”, já que nasceu no continente. Ao dizer que se considera “mais ou menos Mané”, esse informante indiretamente atribui o termo aos moradores da ilha, uma vez que não se considera plenamente Mané por ter nascido fora no continente.

Já o informante mais jovem e com menos escolaridade tem uma visão diferente do que é ser “Manezinho”. Para ele Mané é ser extrovertido, viver de maneira alegre e não encarar o rótulo como uma ofensa.

É ser extrovertido, a pessoa que não abaixa a cabeça por pouca coisa, que tenta levar a vida da forma mais alegre possível, continua batalhando e com o sorriso no rosto... Para nós aqui não é encarado como uma ofensa, para nós é um orgulho. (Trecho de entrevista da amostra Floripa. Informante - escolaridade, - idade, masculino – Coqueiros).

Embora, esse informante não descreva “Manezinho” com as características consagradas, não deixa de adjetivar positivamente o termo “Manezinho”, e isso é reforçado na parte em que deixa claro que o vocábulo em questão não é encarado como ofensa e sim com orgulho. Nota-se que o conceito de pertencimento está explícito nesse trecho.

O último informante, também morador do Abraão, tem uma visão do que é ser Mané semelhante com a da informante com mais escolaridade e mais idade, pois, segundo ele, “Manezinho” são as pessoas que nasceram e viveram sempre em certas comunidades da ilha como, por exemplo, no bairro Ribeirão da Ilha. Na sua visão, são aquelas pessoas que vivem na simplicidade, mas isso não significa ser nem pensar pequeno, e sim uma pessoa aberta a todo mundo. As características de um “Manezinho” são, além das explicitadas pelo informante mais jovem e com menos escolaridade, aquelas atreladas a pessoas que falam rápido e “comem letras”. Para ele, as pessoas perderam essa identidade, embora o termo seja usado no sentido positivo.

Simplicidade não é ser pequeno ou pensar pequeno. Simplicidade de ser aberto a todo mundo. Hoje, mané é motivo de orgulho. (Trecho de entrevista da amostra Floripa. Informante + escolaridade, - idade, masculino, Abraão).

Em relação ao que é ser Manezinho, percebemos nas entrevistas que não há um consenso, pois alguns informantes consideram que o termo “Manezinho” pode ser atribuído somente aos nascidos e residentes em comunidades do interior da Ilha. Já outros ampliam o conceito de Manezinho envolvendo os habitantes da Ilha com um todo, separando apenas a parte continental da cidade de Florianópolis.

Além do que foi discutido até aqui, existe ainda uma concepção diferente do que é ser “Manezinho”. Isso fica claro ao analisarmos as entrevistas contidas no livro *Somos todos manezinhos*. O autor divide as entrevistas em 3 (três) seções: (i) os nativos residentes; (ii) os adotados residentes e (iii) os adotados ausentes.⁵ Para ilustrar esta discussão selecionamos 3 (três) entrevistas da seção (ii), nas quais os conceitos admitem que: ser “Manezinho” foge às dicotomias comumente usadas, no que se refere a comunidades florianopolitanas, ou seja, Ilha vs Continente e Centro vs Interior. Como se observa nas seguintes entrevistas:

ALDO NASCIMENTO GONZAGA - 1937

Natural de Tubarão-SC

Para o Aldo, *Manezinho é a pessoa, nativa ou não, que nutre por esta terra um sentimento de amor* e de respeito às belezas naturais que ela oferece, bem como seus costumes e tradições. (Trecho de entrevista do livro *Somos todos manezinhos*, p. 416)

ELCY SOLANGE FAVESANI – 1948

Para Solange, *Manezinha é aquela pessoa que, nascida ou não em Florianópolis, nutre pela cidade um sentimento de amor e carinho*, respeitando os seus semelhantes, além de curtir e preservar suas características, seus costumes e suas tradições. (Trecho de entrevista do livro *Somos todos manezinhos*, p. 424)

VALÉRIO JOSÉ DE MATOS – 1932

Para ele, *Manezinho é identificar-se com a cidade, seus hábitos, tradições e sua gente*. (Trecho de entrevista do livro *Somos todos manezinhos*, p. 464)

Das entrevistas do livro selecionamos apenas 3 (três), já que grande parte delas expressam a mesma ideia. E para elucidar ainda mais a concepção expressa pelos premiados, destacamos nos trechos respostas à pergunta “O que é ser Manezinho?”. Nessas respostas, fica claro que a maioria delas é semelhante não apenas na “ideia” como um todo, mas também nas expressões usadas.

O primeiro entrevistado afirma que para ele Manezinho não necessariamente precisa ser nativo, mas é quem nutre um amor pela cidade, não delimitando divisões geográficas, ou seja, não faz alusão às dicotomias anteriormente mencionadas.

A segunda ganhadora do troféu também acredita que o fato de ser nativo não é preponderante, salientando que ter amor e o carinho por essa terra é o que define ser Manezinho.

O último entrevistado deixa explícita a questão da “identificação com a cidade”, como ele próprio diz: *Ser Manezinho é identificar-se com a cidade, seus hábitos, tradições e sua gente*.

Sendo assim, encontramos, então, uma nova resposta à pergunta que norteia o trabalho, resposta essa que está diretamente ligada à questão do pertencimento, do reivindicar para si o *status* de

⁵ (i) Manezinhos que, nascidos em Florianópolis, residem na Capital; (ii) Manezinhos que, nascidos em outras cidades, residem e se integram à vida da Capital e (iii) Manezinhos que, embora não nascidos em Florianópolis, por aqui deixaram raízes e até hoje se identificam com a cidade, mas por dever profissional ou por opção, residem em outras cidades circunvizinhas.

Manezinho: ser Manezinho é identificar-se com a comunidade florianopolitana, independentemente da geografia e ou naturalidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, a maioria dos informantes entrevistados aponta, primeiramente, que o termo “manezinho” é, hoje em dia, considerado mais como uma qualidade das pessoas que nasceram, falam e vivem de certo modo em determinadas comunidades florianopolitanas. Para os entrevistados, o seu jeito peculiar de falar é um dos atributos que marcam a essência de ser “Manezinho”, assim como morar em alguns pontos da Ilha de Santa Catarina e viver das atividades que outrora consagraram esses nativos com o adjetivo Mané: aqueles que vivem da pesca, do artesanato e possuem uma característica peculiar na maneira de falar. Por outro lado, alguns informantes da amostra Floripa, moradores da parte continental de Florianópolis, consideram Manezinhos somente os nascidos na Ilha, embora se verifique na resposta da informante com mais idade e menos escolaridade, moradora do bairro Abraão, o insistente uso do dêitico “aqui” para se referir a Ilha de Santa Catarina.

As respostas dos informantes da amostra Floripa, embora divirjam em relação à questão principal do trabalho, se aproximam em seu aspecto dicotômico, ou seja, para os nascidos na ilha a dicotomia é Centro vs Interior, sendo Manezinho apenas os moradores do interior, e para os nascidos em Florianópolis na região continental a dicotomia se dá entre Ilha vs Continente, sendo Manezinho somente os moradores da ilha. Já nas palavras dos agraciados com o troféu “Manezinho da Ilha”, encontramos uma resposta que remete diretamente aos pressupostos teóricos adotados no presente trabalho. Sendo assim, inferimos que a questão do que é ser Manezinho parece estar mais ligada ao pertencimento à comunidade florianopolitana, onde o próprio falante identifica-se (ou não) como Manezinho.

Se um falante tem uma avaliação subjetiva negativa de sua ou de outra comunidade linguística, ele dificilmente assumirá o seu pertencimento. A atitude de um falante em pertencer a uma determinada comunidade se dá pelo prestígio que a mesma possui.

Por fim, é interessante notar que, no trabalho de Amante (1998), o autor afirma que no decorrer dos anos o termo “Manezinho” afastou-se largamente do tom pejorativo que antes carregava. Anteriormente era usado para adjetivar somente o morador do interior da ilha – o ilhéu de origem humilde, com pouco estudo. Hoje, para muitos, representa um motivo de orgulho, que remete ao sentimento de pertencimento, de identificação com a Ilha. Diversas razões podem ter contribuído para esse processo de valoração. Amante (1998) sugere que a expansão demográfica de Florianópolis nos últimos 20 anos tenha colaborado massivamente para esse processo, o que seria um “caminhando em ritmo de metrópole”. Outro fator seria a criação do troféu “Manezinho da Ilha” em 1987, por Aldírio Simões. O próprio criador do troféu afirma que “reconquistou a autoestima e, hoje, a caminho do terceiro milênio, tem um orgulho desgraçado em se assumir Manezinho” (AMANTE, 1998, p.17). Fantin (2000) salienta que, quando um dos maiores tenistas do Brasil, senão o maior, Gustavo Kuerten, se declarou “manezinho da ilha”, após vencer o Torneio de Roland Garros, o mais importante torneio do referido esporte, muitos ilhéus passaram a ostentar orgulhosamente a identidade mané.

REFERÊNCIAS

AMANTE, F. H. *Somos todos manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, c1998.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades*. In: MAGALHÃES, Célia Maria. Reflexões sobre a análise crítica do discurso. Belo

Horizonte: Faculdade de Letras, UFGM, 2001, 31-81. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/_k-YQf5u/Reflexes_sobre_a_analise_critica.htm>. Acesso em: 09 de outubro de 2012.

FANTIN, M. *Cidade dividida*. Florianópolis: Futura, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1ª ed.: *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

LE PAGE, R.B.; KELLER, A. T. *Creole Studies and the problem of linguistic continua*. In: K. LICHEM; SIMON, H. J. (Ed.). Hugo Schuchardt: Schuchardt Symposium, 1977. Graz: 1980.

RAJAGOPALAN, K. *O conceito de identidade: é chegada a hora de uma reconsideração radical?*. In: INÊS SIGNORINI (Org.). *Lingua(gem) e identidade*. CAMPINAS, SP: Mercado de letras, 1998.

SCLIAR-CABRAL, L.; CALDAS-COULTHARD, C. R. *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2008. 373p.

SEVERO, C. G. *Manezês e manezinho: Mutação da fala e da identidade*. Estudos Linguísticos (São Paulo), Campinas / Unicamp, v. 33, 2004. Pág. 841/ 846.

Recebido em: 31/05/2013

Aceito em: 16/02/2014